

The background of the top half of the cover features several yellow silhouettes on a light yellow background. On the left, a large silhouette of a person with arms raised. In the center, a sun-like shape with rays. Below it, a silhouette of a person kneeling and reading a book to a child. To the right, a silhouette of a person standing and holding a book. At the bottom center, a silhouette of a child crawling.

# Cadernos da Rede

**FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

**PERCURSOS DE APRENDIZAGENS:  
LEITURA E RECONTO**

**A REDE EM REDE: A FORMAÇÃO CONTINUADA NA  
EDUCAÇÃO INFANTIL**

# EDITORIAL

Esta publicação surgiu a partir do programa Rede em Rede: a formação continuada na educação infantil – com o Curso de Formação Narrativas Infantis: o faz de conta na Educação Infantil - 2009/2010 implementado pela SME/SP (Secretaria Municipal de Educação de São Paulo), quando em nossas discussões ao longo dos vários encontros com as professoras de CEIs e EMEIs da Prefeitura de São Paulo, percebemos o desejo de ampliar as possibilidades de trabalhar com as histórias infantis e importância de atender a essa solicitação dos professores.

Nessa trajetória nasceu Percursos de Aprendizagens: Leitura e Reconto, com o propósito de despertar o leitor adormecido dentro de cada educador e, conseqüentemente, desenvolver o comportamento leitor em suas crianças. Para tanto, decidimos discutir práticas de leitura que pudessem levar a um reconto consistente e criativo que contribuísse para o desenvolvimento infantil.

Iniciamos o nosso percurso apresentando as diferentes modalidades organizativas propostas por Lerner para diferenciar atividades permanentes, atividades pontuais, sequências didáticas e projetos. A seguir, pautadas em diferentes estudos em Literatura Infantil construímos juntas uma sequência didática que ofereceu recurso para a leitura e o reconto partilhado e autônomo.

No primeiro momento,

nosso objetivo era ressignificar práticas interativas, para que as professoras pudessem descobrir, analisar e se apropriar do repertório infantil, contemplando em seu planejamento a leitura e o reconto de histórias de forma prazerosa e atenta.

Entretanto, nosso projeto ultrapassou essa expectativa, uma vez que não só conseguiram chegar ao reconto, como apresentaram novas formas de expressão e novas posturas pedagógicas frente à cultura letrada e ao trato com as narrativas infantis orais e escritas no universo escolar. Alguns dos resultados desse trabalho vocês poderão conferir neste primeiro fascículo que apresenta exemplos de práticas bem sucedidas, dando voz às crianças, às professoras e às formadoras.

Esperamos que esses relatos mobilizem você, professor-leitor, a ousar em suas práticas e estender seu olhar sensível para as infinitas possibilidades de leitura que a Literatura oferece!

Boa Leitura!



Prefeito de São Paulo  
**Gilberto Kassab**

Secretário Municipal de Educação  
**Alexandre Alves Schneider**

Secretária Adjunta de Educação  
**Célia Regina Guidon Falótico**

Diretora de Orientação Técnica  
**Regina Célia Lico Suzuki**

# APRESENTAÇÃO

A Secretaria Municipal de Educação tem trabalhado para consolidar uma educação infantil de qualidade nessa que é uma das maiores redes de ensino do país. Diariamente nossos profissionais – professores, coordenadores pedagógicos, gestores e equipes de apoio - atendem cerca de 420 mil crianças, distribuídas em nossas 13 DREs. Oferecem o melhor em termos de uma rotina estável, de experiências culturais relevantes, de convivência ética e saudável. Os resultados podem ser observados nas práticas, nos avanços que ano a ano as unidades educacionais vêm apontando.

Toda essa mudança não se faz sem o trabalho coletivo. Por esse motivo, desde 2005 todos os profissionais dessa rede estão envolvidos em um programa de formação que visa melhorar a qualidade da educação por meio da atualização profissional e da discussão de propostas inovadoras. O Programa de Orientações Curriculares e a publicação do documento com as Orientações Curriculares e Expectativas de Aprendizagem para a Educação Infantil em 2007 foi apenas o início de um processo de reflexões e mudanças nas unidades educacionais.

Agora, é chegada a hora de ver o que nossa própria rede está produzindo a partir dessas Orientações Curriculares, nos diferentes espaços de formação profissional, nos grupos de professores, de coordenadores pedagógicos e de diretores. É o que poderemos conferir aqui, nesse exemplar, bem como em todo o conjunto das publicações da Secretaria Municipal de Educação voltadas para a Educação Infantil.

Ao todo apresentamos cinco novos materiais de apoio: dois Cadernos da Rede para professores e três para gestores. Nesse material é possível encontrar subsídios para alimentar as discussões nas EMEl e nos CEIs rumo à consolidação de novos paradigmas para a educação infantil. A tônica dessas publicações é a voz de nossa própria rede. Nas próximas páginas veremos em destaque a experiência de nossos próprios profissionais que constroem diariamente alternativas criativas para acolher as crianças e suas famílias e para enfrentar os desafios que o mundo contemporâneo nos impõe.

A exemplo dos demais materiais produzidos pela Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, esperamos, mais uma vez, o seu comprometimento para fazê-lo circular pela rede, torná-lo vivo a fim de que possam inspirar novas práticas educativas.

Desse modo, trabalhando em rede, vamos mantendo o diálogo aberto e avançando e muito rumo à excelência na Educação Infantil paulistana.

**Alexandre Alves Schneider**

Secretário Municipal de Educação

**PERCURSOS DE APRENDIZAGENS:  
LEITURA E RECONTO**

- **CARTA AO PROFESSOR**

Onde se lê:

“Esperamos que você, leitor, aprecie essa publicação e nos encaminha sugestões para melhorarmos ainda mais as próximas publicações.”

*Leia-se:*

“Esperamos que você, leitor, aprecie essa publicação e nos encaminhe sugestões para melhorarmos ainda mais as próximas publicações.”

- **PÁGINA 11 - NOTA DE RODAPÉ**

Onde se lê:

“Rosângela A. R. Carreira. Texto produzido a partir da experiência do grupo X, da turma Y no curso...”

*Leia-se:*

“Rosângela A. R. Carreira, formadora do Rede em rede. Texto produzido a partir de suas reflexões nos diferentes grupos participantes do curso Percursos de Aprendizagens na Educação Infantil: leitura e reconto em 2010.”

- **PÁGINA 13**

Onde se lê:

“Já na fase Leituras e Recontos, ao discutirmos essas questões que envolvem leitura, pude vivenciar com muitas professoras a redescoberta de seu comportamento leitor.”

*Leia-se:*

“Já no curso Percursos de Aprendizagens na Educação Infantil: leitura e reconto, ao discutirmos essas questões que envolvem leitura, pude vivenciar com muitas professoras a redescoberta de seu comportamento leitor.”

- **PÁGINA 14 - BOX**

Onde se lê:

“Organizei a roda de histórias, fiz um levantamento do repertório de histórias conhecidas pelas crianças procurando destacar as quais elas já conhecem.”

*Leia-se:*

“Organizei a roda de histórias, fiz um levantamento do repertório de histórias conhecidas pelas crianças procurando destacar quais elas já conhecem.”

- **PÁGINA 15 - NOTA DE RODAPÉ**

Onde se lê:

“Maria Aparecida Vedovelo Sarraf, texto elaborado a partir da experiência na turma A da DRE Campo Limpo.”

*Leia-se:*

“Maria Aparecida Vedovelo Sarraf, formadora do Rede em rede. Texto produzido a partir de suas reflexões nos diferentes grupos participantes do curso Percursos de Aprendizagens na Educação Infantil: leitura e reconto, realizado na DRE Campo Limpo em 2010.”

- **PÁGINA 16 - NOTA DE RODAPÉ**

Onde se lê:

“SOLÉ, Isabel. Estratégias de Leitura. Artmed, Porto Alegre.”

*Leia-se:*

“SOLÉ, Isabel. Estratégias de Leitura. Porto Alegre: Artmed, 1998.”

- **PÁGINA 18**

Onde se lê:

“(…) É maravilhosos observar o quanto aprenderam.”

*Leia-se:*

“(…) É maravilhoso observar o quanto aprenderam.”

- **PÁGINA 42 - DICAS DE LEITURA**

Onde se lê:

“COLEMAR, Teresa. Andar entre livros. São Paulo: Global, 2007.”

*Leia-se:*

“COLOMER, Teresa. Andar entre livros. São Paulo: Global, 2007.”

Onde se lê:

“SOLE, Isabel. Estratégias de leitura. Porto Alegre: Artmed, 2004.”

*Leia-se:*

“SOLÉ, Isabel. Estratégias de leitura. Porto Alegre: Artmed, 2004.”

- **PÁGINA 43**

Onde se lê:

“Minhas fábulas de Esopo – autora Michele Moripurgo – Companhia das Letrinhas.”

*Leia-se:*

“Minhas fábulas de Esopo – autor Michael Morpurgo – Companhia das Letrinhas.”

Onde se lê:

“João e Maria Irmãos Grimm – tradução de Mônica R da Cota e Jamil Maluf – Cosac Naif.”

*Leia-se:*

“João e Maria Irmãos Grimm – tradução de Mônica R. da Costa e Jamil Maluf – Cosac Naif.”

- **PÁGINA 44**

Onde se lê:

“Meu primeiro livro de contos de fadas – autora Mary Hoffmanb – Companhia das Letrinhas.”

*Leia-se:*

“Meu primeiro livro de contos de fadas – autora Mary Hoffman – Companhia das Letrinhas.”

Onde se lê:

“Até as princesas soltam pum – Ilan Brenman – Brinque-Book.”

*Leia-se:*

“Até as princesas soltam pum – Ilan Brenman – Brinque-Book.”

Onde se lê:

“Os três lobinhos e o porco mau – autor Eugene Trwzas – Brinque-Book.”

*Leia-se:*

“Os três Lobinhos e o Porco Mau – autor Eugene Trivizas Brinque-Book.”

Onde se lê:

“Tartaruga vai a guerra – de Richard Walker – Companhia das Letrinhas.”

*Leia-se:*

“Tartaruga vai à guerra – autor Richard Walker – Companhia das Letrinhas.”

Onde se lê:

“Fábulas Lev Tolstoi – Companhia das Letrinhas.”

*Leia-se:*

“Fábulas – autor Liev Tolstoi – Companhia das Letrinhas.”

Onde se lê:

"Histórias, Quadrinhos e canções com bichos – tradução Heloisa Jahn – Companhia das Letrinhas."

*Leia-se:*

"Histórias, Quadrinhos e canções com bichos – vários autores – tradução Heloisa Jahn – Companhia das Letrinhas."

Onde se lê:

"História para ler na cama – de Debi Glioti – Tradução Heloísa Jahn – Companhia das Letrinhas."

*Leia-se:*

"Histórias para ler na cama – de Debi Gliori – Tradução Heloísa Jahn – Companhia das Letrinhas."

Onde se lê:

"Meus porquinhos – de Wood Audrey – Editora Ática."

*Leia-se:*

"Meus porquinhos – autora Audrey Wood – Editora Ática."



# SUMÁRIO

1. O assunto é .....	7
Leitura e reconto na educação infantil .....	7
2. Trabalho pedagógico.....	11
Ler é diferente de contar histórias - O que as crianças pequenas aprendem ao escutar a leitura atenta de um livro .....	11
Quanta história! - Por que ler histórias longas para crianças de 4 a 5 anos? .. .....	15
Ler com as mãos - A exploração de livros por crianças de berçários .....	19
Histórias que conversam com a gente - A construção de sentidos pessoais para a leitura. ....	23

<b>3. De olho na prática .....</b>	<b>28</b>
<b>4. Para fazer mais .....</b>	<b>31</b>
Para refletir sobre o planejamento - Reflexão escrita e intervenção docente ....	<b>31</b>
.....	
Leitura pelo professor e reconto pelas crianças - Orientações para o planejamento do professor. ....	<b>33</b>
<b>5. Para saber mais .....</b>	<b>38</b>
Saber mais sobre si mesmo - Memórias sobre comportamento leitor de professores. ....	<b>38</b>
<b>6. Dicas de leitura .....</b>	<b>42</b>
<b>7. Palavra final .....</b>	<b>45</b>
Historiadeiras... ..	<b>45</b>

# Carta ao professor

**Caros professores,**

É com muito prazer que apresentamos o primeiro fascículo da coleção Cadernos da Rede. Temos investido muito na formação de nossa rede de educação infantil e, aos poucos, vemos o resultado aparecer. No início da fase 5 do Programa Rede em rede, nosso intuito era responder ao interesse dos professores que pediam cursos diversificados nas diferentes linguagens. Ao mesmo tempo, queríamos transversalizar uma discussão sobre metodologia de trabalho com enfoque no planejamento do professor porque entendemos que é nesse ponto que um professor pode fazer a diferença para seu grupo de crianças. Na capacidade que ele tem de antecipar questões, de resolver problemas didáticos, de assegurar as melhores condições de aprendizagem para todos.

Nesse ano, o desafio de planejamento é ainda maior. Tendo em conta que a jornada de uma criança na EMEI ou no CEI é composta por momentos diversos, torna-se fundamental que o professor dedique-se a planejar tais momentos, respeitando o tempo das crianças que freqüentam a instituição e os tempos da vida em grupo: o tempo de chegar e ser acolhido, de combinar o que será feito em um dia, de trabalhar em grupo, de brincar, ler, escrever, desenhar, expressar-se ... de se alimentar e repousar, de se despedir e sonhar com o dia seguinte.

Para tanto, é fundamental priorizar uma reflexão sobre a organização da programação didática da Unidade, o que significa considerar diferentes possibilidades de organização do tempo e das vivências das crianças na educação infantil em atividades permanentes, sequências de atividades, projetos e as atividades pontuais.

Vamos iniciar essa discussão nesse primeiro fascículo que terá como meta, discutir a qualidade da experiência leitora na educação infantil. Mostraremos como a leitura feita pelo professor pode ocupar um lugar central na rotina, como atividade permanente. Além disso, apresentaremos a proposta de reconto como uma das mais importantes para a criança apropriar-se da linguagem escrita.

É claro que tudo isso só foi possível graças à participação das professoras que participaram do curso, que desenvolveram as propostas de trabalho pessoal e trouxeram suas experiências para compartilhar em grupo. Dedicamos todo nosso trabalho nessa primeira edição a elas: Clair Venturini Ferreira, da EMEI Carlos Eduardo Camargo de Aranha; Célia Aparecida Palma e Pauline Alonso Couto do CEI Silvia Covas; Elenir da Rocha Cruz da EMEI Professora Norimar Teixeira; Lílian Pereira de Breyne do CEI Jd São Luiz II, Débora Rodrigues Capuano, da EMEI Flávio Império e Maria Cecília Livero Andrucioili da EMEI Prof. José Rubens Perez Fernandes.

Esperamos que você, leitor, aprecie essa publicação e nos encaminha sugestões para melhorarmos ainda mais as próximas publicações.



# LEITURA E RECONTO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL<sup>2</sup>

Ler e narrar histórias de ficção ou de vida constitui uma experiência humana fundamental para sentir-se parte de um grupo, de uma cultura e ter identidade própria. Em tempos de livros digitalizados e virtualização de práticas, o objeto livro e a prática de lê-lo não desaparecerão. É o que podemos conferir em relação a alguns episódios relatados pelas professoras ao longo de Leituras e Recontos. Outro dia, num dos encontros, dois assuntos trazidos pelas professoras ao interagirem com as pautas e lembrarem-se de episódios vivenciados com as crianças foram marcantes: um, referia-se a como as crianças criam as coisas, imaginam, misturam personagens, histórias...disto passamos a dialogar um pouco sobre como a cultura nos constitui; o outro assunto era a preocupação com a possibilidade do desaparecimento do objeto livro.



DRE IP EMEI D Pedro I Profª Denise

Toda pessoa nasce imersa num fato social; quando começamos a compreender o mundo a nossa volta, apreender os significados dos objetos culturais que nos circundam é como se aquilo sempre tivesse existido. Realmente, o fato social, a cultura independe da existência do indivíduo. Isso justifica, por exemplo, que as crianças de hoje se relacionem de maneira muito diferente com o computador como se para elas este sempre tivesse existido; para nós, quando crianças, era como se a televisão sempre tivesse existido; para nossos pais, o rádio e assim foi, e assim é.

Por isso, apesar das facilidades da internet e dos livros digitalizados, o objeto livro não perderá seu lugar, sua identidade que passou a conviver com outras formas de representação cultural, amplificando o fato social como continuidade da história da humanidade. Isso quer dizer que o novo, necessariamente, não substitui o antigo, mas passa a coexistir com ele. A ideia de coexistência quer dizer existir ao mesmo tempo, existir junto, o que revela que o ser humano necessita de recursos materiais e simbólicos cada vez mais diversos para viver, para dar sentidos à vida humana que é tão complexa.

Comentei um pouco mais sobre Walter Benjamin. O autor era judeu e alemão, participou de um movimento intelectual na Alemanha,

O ASSUNTO É ...

<sup>2</sup>Sandra Papesky Sabbag

no início do século XX, chamado Escola de Frankfurt, movimento que deu origem à Teoria Crítica. Ele escreveu muito sobre a infância, e de seus estudos destaquei sobre o brincar independente do brinquedo em si, mas a capacidade criativa de ressignificar um objeto, atribuindo-lhe outra finalidade em função do contexto imaginativo da situação de brincadeira, como o exemplo dado por uma das professoras de CEI (berçário II) que falou da menininha de 2 anos que fez de seu tênis uma bolsa e lançou-a sobre o ombro. Isso também é um exemplo de que o ser humano cria com os recursos que têm, do mais ao menos tecnológico possível.

Walter Benjamin também estudou com profundidade a necessidade humana de narrar, de contar a própria história como forma de compreender a vida, a si mesmo, aos outros, ressaltando o papel da memória na constituição da história dos indivíduos e dos grupos sociais. A experiência humana de narrar – e de ler – é um dos modos pelos quais nos apropriamos da cultura a fim de que, num segundo momento (e quase que paralelamente), possamos ser também produtores de cultura, assim como demonstrou essa menininha de 2 anos.

### ***A FORMAÇÃO DAS PREFERÊNCIAS LEITORAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL<sup>3</sup>***

Você sabia que... cada vez que a criança reconta um conto, além de repovoar seu imaginário com heróis exemplares, bruxas arrepiantes e fadas encantadoras, pode desenvolver uma escuta sensível e atenta ao outro? Pois é! Até agora, discutimos muito sobre a dimensão dos aprendizados cognitivos por meio do trabalho com o reconto oral das histórias: desenvolvimento da expressão oral, estrutura da narrativa, sequência e encadeamento de fatos, ampliação de repertório, apropriação da linguagem que se escreve de vocabulário e expressões etc. Mas também é oportuno pensarmos sobre a magia que a leitura tem na vida de quem a cultiva, sobretudo quando ela ganha uma dimensão socializadora ao ser representada, recontada.

Sabemos que o reconto do texto que foi lido pode causar o mesmo fascínio que ativou em quem fez a leitura. Basta lembrarmos das pessoas que têm influência sobre nós quando vamos a uma livraria adquirir novos exemplares ou à locadora para escolher os filmes que vamos assistir.

Quem nunca viveu a experiência de ficar fascinada e encantada com a narração de alguém que nos conta sobre um livro que leu, um filme que viu e gostou? Essas pessoas recuperam a magia do texto no qual foram enoveladas e físgam a nossa curiosidade de tal forma, que ao adquirirmos o



livro sugerido ou vermos o filme, já encontramos neles um sentido diferente. Sem percebermos, nossa escuta foi modificada e sensibilizada. Nossos sentidos ganharam uma dimensão ampliada. Seria muito interessante perguntar a quem sabe recontar com esse brilho como ele aprendeu essa habilidade. Com certeza, essas pessoas têm sentidos aguçados para a maravilha do mundo e buscam escutar, de outras pessoas, informações interessantes sobre a arte, a literatura, a música, sobre outras linguagens que expressam nossas emoções e despertam nossa imaginação.

No entanto, é importante entender que, quando falamos de escuta, não pensamos apenas em ouvir com os ouvidos, mas em apurar os sentidos - encorajar o tato, ativar a visão, surpreender a audição, brincar com o paladar e agradar o olfato.

Portanto, quando abrimos uma discussão sobre a escuta atenta da criança, temos que sair do lugar comum de prever um comportamento estereotipado, de crianças quietas, sentadas e imóveis. Pelo contrário: devemos abrir espaços em nós mesmos para que a criança possa escolher a história lida e envolver-se com ela. É assim, que nascerá um leitor sensível, muito mais do que meramente competente.

### **PARA SABER MAIS**

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política (Obras Escolhidas)*, 7ª. Edição. SP: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN pensa a Educação. *Revista Educação – Especial Biblioteca do Professor*, volume 7, março/2008.



# BLOCO DE ANOTAÇÕES



# LER É DIFERENTE DE CONTAR HISTÓRIAS

O que as crianças pequenas aprendem ao escutar a leitura atenta de um livro<sup>4</sup>

Você sabia que ler um livro é diferente de contar uma história para as crianças e proporciona o desenvolvimento de diferentes comportamentos leitores?

Ler para uma criança é antes de tudo um ato de generosidade e de responsabilidade do professor que, ao emprestar a voz para que o autor fale às crianças, também assegura a elas o direito de ingressarem nesse universo letrado, antes mesmo de saber os nomes das letras. É na roda de leitura que as crianças ampliam o repertório de histórias desde os contos tradicionais de fadas, até os populares brasileiros e de outras culturas, o título de alguns dos autores da literatura infantil, peças e autores de teatro, distinguindo esse tipo de textos dos demais modos de expressão das histórias etc. (OC p. 87)

É muito comum em sala de aula a prática de leitura de diferentes gêneros independente da faixa etária. No entanto, muitos confundem estratégias pedagógicas de trabalho de contar histórias com leitura propriamente dita. Assim, ora presenciamos excelentes contadores de histórias fantasiados e proporcionando encantamento e desenvolvimento do faz de conta infantil, ora presenciamos leituras bem feitas em que a professora lê modificando a entonação de voz com o livro virado para a criança, em que vai destacando a importância dos detalhes e das imagens. Atitudes muito significativas, porém, nem todos têm consciência de que os gêneros orais diferem dos escritos e ler requer a ativação de diferentes atitudes cognitivas, sociais, interacionais e culturais para que a criança faça inferências e perceba a importância da escrita na sua vida.

A leitura, segundo KLEIMAN (1992)<sup>5</sup> é considerada um ato cognitivo na medida em que envolve processos cognitivos múltiplos, como percepção e reflexão sobre um conjunto complexo de componentes. E também é um ato social e envolve pelo menos dois sujeitos - leitor e autor – que interagem entre si, a partir de objetivos e necessidades socialmente determinados. De sorte que, lemos o mundo, quando lemos espetáculos teatrais, novelas, jornais, romances, textos técnicos, cartas, folderes etc.

Assim, lemos quando vemos TV ou quando abrimos um livro. Todavia, os procedimentos de leitura que envolvem a compreensão de um gênero oral diferem um pouco dos procedimentos associados à escrita. A

TRABALHO PEDAGÓGICO

<sup>4</sup> Rosângela A. R. Carreira. Texto produzido a partir da experiência do grupo X, da turma Y no curso ... <sup>5</sup> KLEIMAN, Angela. Texto & Leitor. Aspectos Cognitivos da Leitura. Campinas: Pontes, 1992.

escrita é um registro social, que demanda compreender algo e leva, necessariamente, a reconhecer o suporte (se é um livro, uma revista, um jornal etc), olhar para a folhear, apreender a informação e utilizar competências múltiplas para o levantamento de hipóteses, as quais ainda permitem a recuperação da informação por meio de releituras, consultas a dicionários, pesquisas etc. Já a fala é dinâmica, gêneros orais costumam apresentar mais liberdade e não necessariamente estão associados a um texto escrito. Quem nunca teve o grande prazer de ouvir “causos” contados por grandes contadores de determinadas comunidades, que nunca leram um único livro, mas têm em si conhecimentos prévios e estratégias de letramento que levam ao desenvolvimento de histórias encantadoras?

É preciso, no entanto, que a criança tenha a oportunidade de conviver com diferentes gêneros para que suas estratégias cognitivas e seu conhecimento enciclopédico se ampliem e é importante que o professor tenha consciência de que trabalhar a leitura de um livro é diferente de trabalhar um gênero oral.

A contação é, pois, um gênero oral importante para o desenvolvimento infantil e a leitura associada às imagens também, no que concerne à leitura de mundo, à construção de conhecimentos prévios e ao estímulo para a leitura por prazer. Todavia, o grande problema em relação à leitura nos dias de hoje é demonstrar na escola, o papel social da escrita para a formação de leitores críticos e esse trabalho começa na primeira infância. Quando vamos ao banco, por exemplo, não lemos os folderes de produtos bancários mostrando aos demais as imagens em voz alta, muito menos fazemos de conta que somos gerentes de banco vendendo um produto para sanarmos nossas dúvidas. Há uma maneira de ler e desenvolver o comportamento leitor em diferentes estágios com diferentes estratégias. É muito significativo que a criança não somente associe à contação ao suporte, ou seja, que ela perceba que este gênero oral surge a partir de um livro, quando esta história for retirada de um livro, bem como é importante que ela perceba que quando lemos socialmente, viramos páginas e analisamos as imagens com o livro voltado para nossa visão.

De sorte que, quanto mais o professor estuda uma história infantil e suas possibilidades de trabalho em sala de aula, mais atividades pedagógicas poderão ser exploradas para o desenvolvimento de estratégias cognitivas de leitura de mundo e desenvolvimento do comportamento leitor, tais como: apresentar o livro, o autor, o ilustrador, ler em voz alta utilizando comportamento leitor, deixar que as crianças manuseiem o livro, ler novamente mostrando o livro e criando objetivos de leitura (observar as personagens mágicas, observar o espaço etc), contar e recontar etc.

Durante minha experiência como formadora, sempre ressaltai a



importância do ato de ler como movimento amplo e integral, todo cidadão lê a linguagem não verbal e cria estratégias para compreender a linguagem verbal, desde a mais tenra idade e ler é prazer, encantamento e emoção, mas, também é um ato social.

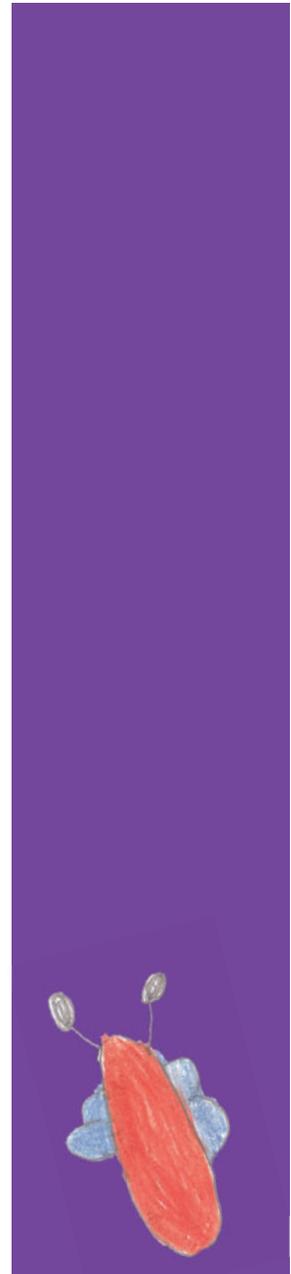
Desse modo, a criança fará associações relacionadas à contação e ao que leram no livro, fará inferências relacionadas a outros livros ou a sua realidade e será capaz de recontar e dramatizar as histórias em detalhes e, ainda muito pequena, fará a leitura do livro mudando páginas e acompanhando o enredo com o dedinho.

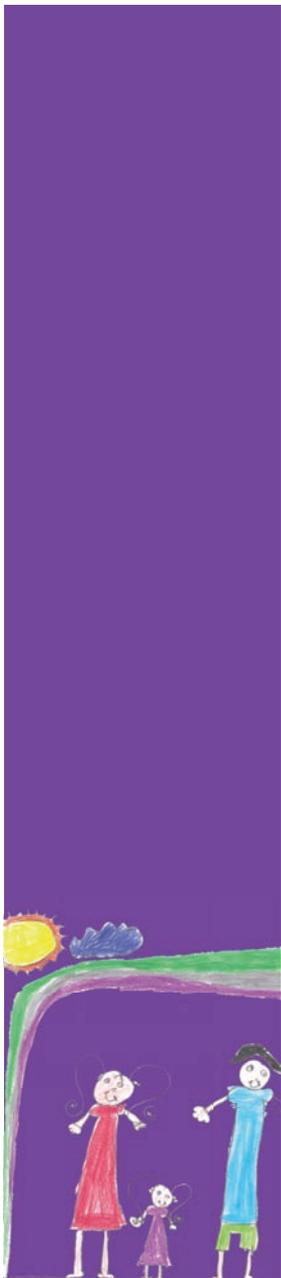
Durante o Rede em rede: Narrativas Infantis e Leitura e Recontos, pude observar na Rede Municipal de Ensino da cidade de São Paulo muitas experiências gratificantes que foram aprimoradas durante o curso, as quais mereceriam destaque, não para serem utilizadas como modelos ou “receitas”, mas para serem partilhadas como exemplos de boas experiências pedagógicas com a leitura.

A Profa. Clair Venturini Ferreira da EMEI Carlos Eduardo Camargo de Aranha, por exemplo, ao desenvolver o projeto da U.E. “Jogos e Brincadeiras” ampliou a possibilidade prevista pelos objetivos ao ler livros sobre brincadeiras para os alunos e aguçar sua curiosidade sobre a maneira como as crianças no mundo se divertem, além disso, sua turma construiu um livro de tecido gigante de brincadeiras de diferentes povos ou inventadas pelas crianças para que pudessem ler e brincar à vontade. Tudo iniciou com a cantiga “A Galinha do Vizinho”, mas o número de livros explorados e lidos por ela e seus alunos tomou um vulto muito maior, assim, as crianças perceberam a multiplicidade étnica e cultural que envolve o “brincar”.

Para selecionar os desenhos, todos tiveram oportunidade de desenhar e criar sua brincadeira, em seguida, por eleição, os alunos escolheram quais brincadeiras fariam parte do livro.

Já na fase Leituras e Recontos, ao discutirmos essas questões que envolvem leitura, pude vivenciar com muitas professoras a redescoberta de seu comportamento leitor. Quando comentei que a criança constrói sentidos para as palavras e que o texto não deveria ser utilizado como pretexto para ensinar vocabulário, muitas vezes, compreendidos pelo professor e não





pela criança, uma professora comentou: “Nossa, eu faço isso o tempo todo, vou parando e explicando palavras, meu Deus, será que eles vão compreender se eu não fizer isso? Vou me policiar para ver o que acontece” Qual foi sua surpresa, ao perceber, que seus alunos não só compreenderam como não perguntaram nada sobre as palavras, mas apreenderam a narrativa, encantaram-se pelos personagens e, ao final da sequência narrativa proposta recontaram com prazer a história.

Ao percebermos as diferenças entre os gêneros, criarmos objetivos de leitura e construirmos um planejamento para o trabalho com a leitura, descobrimos que os gêneros orais são dinâmicos, mas uma boa leitura também pode oferecer muito prazer e muita diversidade, independente da faixa etária.

No CEI Silvia Covas, por exemplo, as professoras que participaram do Rede em rede uniram-se num único propósito fazer com que seus alunos de diferentes estágios recontassem os clássicos propostos em suas sequências didáticas. As Profas Célia Aparecida Palma e Pauline Alonso Couto, por exemplo, trabalharam com duas versões de “João e o Pé de Feijão” com Berçário e Mini-Grupo, criaram um ambiente acolhedor para a apresentação do livro, juntaram turmas, formaram rodas, deixaram as crianças à vontade. Segundo as professoras “houve em todas as salas um interesse crescente das crianças, quando as páginas eram viradas para análise das mesmas” em seus registros foi possível perceber que construíram um percurso de ressignificação de seu papel como sujeitos interpretantes e como leitoras, registrando: “Para nós foi uma experiência muito viva, pois através de seus comentários e hipóteses percebemos um brilhar de olhos, uma curiosidade nova, uma vontade de descobrir o que aquele livro podia lhe oferecer”

Assim, se você, professor, resiste a uma boa leitura porque seus alunos são bebês e, talvez, não sejam capazes de ler e recontar e, ainda, que somente a contação pode gerar um comportamento leitor, convidamos você a tentar repensar sobre o que entende por leitura e desafiamos você a uma nova atitude e depois conte-nos os resultados!

### **DE PROFESSOR PARA PROFESSOR:**

Organizei a roda de histórias, fiz um levantamento do repertório de histórias conhecidas pelas crianças procurando destacar as quais elas já conhecem. A mais mencionada foi “A Bela Adormecida”. Conteí a história e perguntei quem gostaria de recontar. Três alunos se propuseram.

O aluno Arthur que é muito tímido se ofereceu, mas não conseguiu. Mesmo incentivado falou uma palavra. Em seguida a aluna Anna Gyulia iniciou

o reconto mas parou no meio da história e não quis continuar. A aluna Emylim recontou toda a história de forma surpreendente, pois ao ler o livro parecia que o lia de verdade.

As crianças prestaram muita atenção. Como naquele momento não foi possível anotar o que ela falava pedi um pouco mais tarde que ela recontasse novamente a história para mim.

Emylim começou contando: Era uma vez um rei e uma rainha que viviam muito triste porque não tinha uma filha. Um dia eles convidaram doze fadas para dar os dons pra a princesinha. O dom da bondade, da beleza e do sorriso. A fada malvada entrou no castelo furiosa por não ser convidado para a festa. Ela disse bem perto da princesinha que ao completar os quinze anos, espetará o dedo em uma roca e morrerá. Uma fada que não deu o seu dom disse: eu não posso retirar o feitiço, mas eu posso revertê-lo e ela não morrerá e só dormirá cem anos. No palácio há uma escadinha. Curiosa desceu e achou uma roca, espetou o dedo na roca e dormiu. Um príncipe corajoso passou por ela e desadormeceu a princesa. Ele foi perto dela e deu uns beijos e viveram felizes para sempre e acabou.

Perguntei a aluna Emylim o que queria dizer a palavra revertê – lo. Ela disse: eu escrevo uma coisa no computador, a outra pessoa vai lá e apaga aí se chama revertê – lo. Isso não faz parte da história, mas mostra o quanto ela está interessada em conhecer a linguagem escrita. Prof<sup>a</sup> Maria Cecília Livero Andruciol.

Emei Prof José Rubens Peres Fernandes DRE- Penha

## QUANTA HISTÓRIA! POR QUE LER HISTÓRIAS LONGAS PARA CRIANÇAS DE 4 A 5 ANOS?<sup>6</sup>

**Você sabia que** ... crianças pequenas também apreciam histórias longas e sem ilustrações?

As crianças também se encantam com histórias de livros sem o apoio de imagens e, se a leitura fizer parte de fato da rotina e com bom planejamento, é possível e recomendável ler para as crianças histórias mais longas. Preparar as crianças antes da leitura, antecipando seu enredo, e abrir espaço para os comentários sobre história depois da leitura são estratégias importantes para a formação da criança leitora. Isso é o que vamos conhecer no relato a seguir.

Na prática da professora do 2º estágio da EMEI Professora Norimar Teixeira, Elenir da Rocha Cruz, a roda de histórias faz parte da rotina, sendo a leitura em voz alta uma atividade permanente e diária. Na atividade



<sup>6</sup> Maria Aparecida Vedovelo Sarraf, texto elaborado a partir da experiência na turma A da DRE Campo Limpo

de proposta de leitura, a professora escolheu um lugar bem prazeroso para realizá-la e indo ao encontro das expectativas do nosso curso, propôs-se a ler para as crianças uma história mais longa:

*“Organizamo-nos em roda embaixo de uma árvore que temos atrás da escola. Ali na sombra, em meio a folhas e plantas parecia o lugar ideal para realizarmos a atividade. Percebi que as crianças se interessavam por frutinhas, sementes, gravetos e aproveitei para iniciar trazendo tudo aquilo para o contexto da história.*

*A roda por ser um momento de nossa rotina conta sempre com a participação ativa dos alunos que se mostram deslumbrados com as histórias apresentadas pela professora. Dessa forma pude certamente escolher e planejar essa dinâmica onde uma história que é um pouco longa pode ser lida para eles.”*

Por que não ler para seus alunos bons textos mais longos e mostrar as ilustrações somente no final da leitura? E ler boas histórias sem ilustrações, só para as crianças apreciarem a narrativa?

Observamos que também a organização do espaço faz parte do planejamento da professora que, como mostra seu relato, procura variar o ambiente para a roda de leitura. Mostra também que a leitura pode acontecer para além da sala de aula. Ou seja, a leitura pode e deve acontecer em todo e qualquer espaço, assim como fazemos no nosso cotidiano.

Dentro das orientações didáticas de leitura, apresentar a história e seu enredo faz parte das estratégias para o desenvolvimento da compreensão leitora. Sobre tais orientações a obra de Isabel Solé<sup>7</sup> é de fundamental importância já que ativa os conhecimentos prévios das crianças e permite a antecipação do que vai ser lido. Estratégias que todo leitor utiliza-se de maneira não deliberada. E assim fez a Elenir, conforme seu relato:

*“Professora: A história que vou contar é de um menino tão pequeno que conseguia se esconder atrás de uma folha como essa. A história está nesse livro que contém várias histórias dos irmãos Grimm. E se chama o Pequeno Polegar...”*

*Apresentei os personagens e a situação que marcava a introdução da história.”*

Como nosso enfoque era a leitura da escrita do texto, colocamos como desafio ler a história para as crianças sem se apoiar nas ilustrações, prática comum na Educação Infantil; aliás, a escolha do livro pela professora foi pautada justamente por este objetivo:

*“Como todo início de história percebi que se mostraram curiosos e*



*interessados. Expliquei que a história não tinha muitas figuras e por isso teriam que imaginar os personagens, os lugares e as situações vividas por ele."*

Ainda na perspectiva didática, o relato de Elenir aponta-nos para papel relevante do professor como modelo de leitor: desde o preparar a leitura até compreender a que ao ler para criança está mostrando a ela a natureza da linguagem escrita:

*"Iniciei a leitura da história que havia previamente lido com muitas entonações e seguindo criteriosamente o que estava escrito no livro evitando "traduzir palavras que não são utilizadas por eles" deixando que eles mesmos identificassem no contexto da história."*

Por outro lado, se a atuação do professor é fundamental para a compreensão leitora, antes da leitura, a busca de sentido do texto prossegue ao final da leitura quando o professor abre espaço para os comentários sobre o texto lido, ou seja, como indica Colomer<sup>8</sup>, ao poder compartilhar a leitura, a criança aprende com a competência do outro. E neste momento, também a intervenção do professor é o que qualifica a troca de impressões, não reduzindo a conversa sobre a história à mera argüição:

*"Ao final da história reservei alguns minutos para que comentassem e perguntassem sobre a história.*

*Davi: Essa história é de terror?*

*Professora: Vocês acham que é uma história de terror?*

*Stefany: Não porque não tem Bruxa e Vampiro.*

*Luana: Mais tem lobo.*

*Professora: E o que vocês acharam do Personagem?*

*Hellen: Ele é bem pequeno. E conseguia entrar dentro de um buraco e de uma folha.*

*Professora: Vocês acham que ele era esperto?*

*Stefanye: Ele enganou todo mundo e voltou para casa.*

Compartilhar as obras com outras pessoas é importante porque torna possível beneficiar-se da competência dos outros para construir o sentido e obter prazer de entender mais e melhor os livros. Também porque permite experimentar a literatura em sua dimensão socializadora, fazendo com que a pessoa se sinta parte de uma comunidade de leitores com referências e cumplicidade mútuas. (Colomer, Tereza. Andar entre livros. São Paulo, Global, 2007).

<sup>8</sup>COLOMER, Tereza. Andar entre livros. Global, São Paulo, 2007



*Percebi que haviam se interessado pelas aventuras do pequeno e que limitei a conversa ao levantar passagens e características dos personagens sem levantar fundo moral como, por exemplo, que ele era 'mentiroso'.*

No registro sobre a atividade Reconto Autônomo, Elenir comprovamos mais uma vez que quando atos de leitura estão presentes na prática docente, o procedimento leitor das crianças de compartilhar com o outro o que leu parece até natural. Sabemos, no entanto, que o cenário apresentado abaixo é fruto de um longo e significativo processo; ao mesmo tempo participar destes atos permite à criança levantar boas questões sobre a linguagem que se escreve:

*"Na roda as crianças se dividiam em grupos e compartilhavam as descobertas e apreciavam com muito interesse as ilustrações das histórias. Observei atentamente o movimento que faziam na exploração dos livros que estavam dispostos e vi que as crianças do grupo já mostram uma postura leitora bem definida. É curioso ver como elas utilizam-se do dedinho acompanhando a linearidade da escrita e contam em um tom muito baixo para si mesmo como uma leitura silenciosa. É como se olhássemos leitores convencionais. É maravilhosos observar o quanto aprenderam.*

*Algumas crianças que estão silábicas-alfabéticas buscam reconhecer a sonoridade das palavras conhecidas apoiadas nas escritas que conhecem como o nome: LA de Larissa. NHO igual 'sonho'..."*

Por fim, o mergulho na cultura escrita e, no caso de nosso relato, através da escuta e reconto de histórias reflete significativamente na sofisticação da oralidade, quando a criança apropria-se da palavra do outro: do bom escritor e é interessante notar que Elenir dá conta desta relação de complementaridade entre o oral e a escrita quando registra:

*"Fico cada dia mais entusiasmada com o vocabulário das crianças que se amplia a cada vez mais e como a oralidade e a fala estão cada vez mais desenvolvidas. De gagueiras, falas infantilizadas e quase mudas estão se tornando contadores competentes. É o universo novo que está se abrindo e ampliando cada vez mais o conhecimento dos pequenos!"*

O ato de leitura é um ato mágico. O que existe por trás dessas marcas para que o olho incite a boca a produzir linguagem? Certamente é uma linguagem peculiar, bem diferente da comunicação face a face. Quem lê não olha para o outro, mas para a página (ou qualquer outra superfície sobre a qual as marcas foram realizadas). Quem lê parece falar para o outro, porém o que diz não é a sua própria palavra, mas a palavra de um Outro que pode ser desdobrada em muitos Outros saídos não se sabe de onde, também escondidos atrás das marcas. (FERREIRO, Emilia. Interpretação, intérpretes, interpretantes". In Piaget – Vygotsky, novas contribuições para o debate. Ed. Ática, São Paulo.

# LER COM AS MÃOS

## A EXPLORAÇÃO DE LIVROS POR CRIANÇAS DE BERÇÁRIOS<sup>9</sup>

**Você sabia que** os bebês têm muito a aprender ao manusear e explorar livros lidos pela professora?

Os bebês também podem ouvir leitura de histórias e se tiverem oportunidades de tê-los nas mãos, desde pequeninos, podem se fascinar pelos livros e já começar a desenvolver comportamentos leitores. Mas, isso nem sempre é facilmente observado: para que os bebês tenham a oportunidade de aprender com a exploração dos livros, é necessário que o profes-

sor crie contextos para isso. Para muitos professores de berçário, esse é um convite um tanto assustador. É o que nos conta a professora Lílian Pereira de Breyne, professora do CEI Jd São Luiz II.



DRE MP CEI Nazaré Prof<sup>ra</sup> Célia Regina

“A partir do terceiro trabalho pessoal<sup>10</sup>, quando resolvi colocar um livro no colo das crianças, eu me libertei, criei coragem e confiei que as crianças tratariam bem do livro que não era meu e que estava sob a minha responsabilidade (os livros Mimi Miau e Beto Bicudo foram emprestados pela formadora). Esta nova atitude foi o pontapé inicial para outras atividades ainda mais gratificantes que se seguiriam”.

O trecho acima é parte da avaliação final do curso Leituras e Recontos. Para poder perceber sua amplitude cabe resgatarmos o início deste trajeto.

Lílian mostrou-se desde o início de nossos encontros bastante instigada a trabalhar de um outro modo, porém não imaginava como os bebês poderiam por si só manusear os livros e ainda mais recontar as histórias lidas pela professora. “Eles vão rasgar!”; “Mas como vão recontar se mal sabem falar” eram algumas das falas de Lílian. Estas dúvidas refletiram-se no desenvolvimento da primeira atividade conforme seu relato na mesma avaliação:

“O TP que apresentou mais dificuldade para ser realizado foi o TP 1, já que os bebês “não falam” e não houve como saber quais livros eles já conheciam...por isso ele foi, no meu ponto de vista o mais fraco, faltou muito mais relato, observações.

Interessante notar a avaliação consciente que a Lílian faz da sua prática e acompanhando seus registros, constatamos que de fato eles foram ganhando consistência ao longo do curso; para tanto a questão do planejamento foi apontado como fator importante: “A forma de planejar e



<sup>9</sup> Maria Aparecida Vedovelo Sarraf, texto elaborado a partir da experiência na turma A da DRE Campo Limpo. <sup>10</sup> Ao longo da formação eram propostos os Trabalhos Pessoais (TP) para as professoras: atividades para serem desenvolvidas com as crianças para posterior tematização.

avaliar estes momentos de leitura e reconto também foram bem interessantes e aprendi bastante”.

Assim, assumir as dúvidas, propor-se desafios, planejar, observar e registrar, percebendo a importância deste movimento, possibilitaram à Lillian enxergar atitudes e comportamentos de seus bebês que antes não eram tão percebidos. No seu relato sobre atividade do Reconto Autônomo, quando se propõe às crianças recontarem uma história já lida pela professora, podemos constatar:

“A turminha do Berçário I é mesmo surpreendente! Hoje, durante a atividade, percebi o quanto eles se desenvolveram; muitos estavam maravilhados com os livros e os folhearam corretamente.”

Para tanto, as trocas com as colegas da turma, mostraram à Lillian que os combinados com os bebês para o bom manuseio dos livros deveriam integrar-se à rotina, de modo que fizesse parte dos objetivos didáticos da atividade. Assim manusear os livros sem estragá-los foi compreendido pela professora como uma aprendizagem fruto de um processo intencionalmente planejado.

O “comportamento leitor” identificado pela professora, também pode ser observado quando ela nos conta atitudes diferenciadas das crianças que nos remetem aos procedimentos de quem é leitor: virar/folhear as páginas, “ler” em voz alta, demorar-se sobre uma página que chamou a atenção; diante de vários livros, mostrar indecisão na busca daquele que mais interessa; se ater a um livro e ir trocando até achar um mais interessante; não escolher livro nenhum:

*“Raielly virava as páginas, apontava os personagens e repetia as palavras após me ouvir pronunciá-las. Esta situação ocorreu porque eu estava bem ao lado dela e fui questionada: ela apontou o animal, olhou para mim; eu respondi “É o porco”, ela disse “Porco!”. Ela ficou bastante tempo em cada página, observando e tentando explicar o que via, pronunciando algumas palavras.*

*Marcos folheou vários livros e ficou indeciso sobre qual escolher, até que um deles lhe chamou a atenção e ele ficou vendo cada detalhe.*

*A Márcia ficou pouco tempo com o livro, mas os fantoches lhe chamou mais a atenção. Ela pegou dois deles e ficou brincando, fazendo com que conversassem um virado de frente para o outro (pena que não saiu na foto!).*

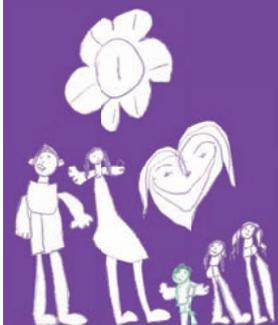
*Evelly também ficou pouco tempo olhando os livros. Ficou entretida com os fantoches e corria pra lá e pra cá.*

*João ficou com um livro bastante tempo e depois foi trocando de livros, até encontrar um que tivesse um pato; ele imitava o som do pato (ou é o som que ele acha que o pato fez) e me chamava para ver o pato.”*

Diante dos livros e fantoches, mais uma surpresa para a Lillian:

*“Quando eu coloquei os livros e os fantoches juntos no tapete, acreditei que as crianças dariam pouca atenção aos livros e que os fanto-*

**Cadernos da Rede**



*ches seriam rapidamente utilizados, mas não foi o que aconteceu. A maioria ficou com os livros.”*

Assim, os livros também podem ser fascinantes! O interessante dessa atividade é que as crianças que tem um professor que lê sempre para elas, acabam desenvolvendo uma relação diferente com o objeto livro, ele passa a se diferenciar dos demais objetos que a criança usa como brinquedo. É por isso que é importante oferecer livros de verdade e não de plástico ou tecido.

Mas, além da surpresa, a professora expressa um desejo:

*“Achei muito proveitosa esta atividade e pretendo repeti-la. A atividade seria perfeita se eu escutasse os pensamentos dos bebês e pudesse entender o que pensam ou pensaram ao ter um livro nas mãos!”*

Com certeza, seus balbucios, suas mãos virando as páginas, seu corpo, movimento e expressões nos dizem muito!

E, se as crianças do Berçário 1 puderam mostrar que já são muito sabidos, a professora Lilian também pode mostrar que estamos sempre aprendendo e quanto mais o professor aprende mais a criança irá aprender também! Acho que a Lilian concorda:

*“As minhas angústias iniciais em colocar os livros ao alcance das mãos das crianças foram eliminadas completamente. Quando as crianças percebem que o que estão fazendo é algo admirado pela professora, elas percebem também que o que fazem é algo grandioso, importante para elas e para os outros.*

*No início do curso, eu pensava que quase nada do que aprendia poderia ser utilizado no Berçário 1, agora acredito que posso usar tudo!*



DRE CLCEI J São Luiz II Profª Lilian

*Os avanços que a turminha do B1 teve foram além das minhas expectativas iniciais. Antes, o momento da leitura era pouco explorado porque eles logo se dispersavam ou pulavam sobre mim para pegarem o livro. Hoje percebo que eles, a maioria, além de prestarem atenção ao que eu vou lendo, querem ver as figuras ou ilustrações do livro sem tentar arrancá-lo das minhas mãos.*

*É claro que há muito ainda por se fazer na leitura de livros para bebês, mas eles demonstraram ao tocarem nos livros, um comportamento leitor que eu nunca imaginava que já possuíam, com tão pouca idade.*

*Nós, como educadoras, não devemos nunca pensar que algo é impossível ou não vai dar certo, sem tentarmos primeiro. A tentativa*





*não pode ser aquela com gosto de fracasso; devemos ter fé naquilo que acreditamos e “ousamos”. A criança pequena é um ser em formação constante, está de braços abertos, esperando novos horizontes...”*

Algo mais a dizer?! Lilian e suas crianças já disseram tudo!

### **PARA SABER MAIS:**

“ ... a criança tem constantemente necessidade de textos adultos, de banho de linguagem adulta. É por esse contato constante que se enriquece seu vocabulário, sua faculdade de estruturação da linguagem, que se desenvolvem suas possibilidades pessoais de criação.” (HELD, Jacqueline. **O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica**. São Paulo: Summus, 1980 IN: CORTEZ, Clélia. **O bebê, seu movimento e a construção do gosto pelas palavras**. [www.formaremrede.org.br](http://www.formaremrede.org.br))

### **QUAIS SERIAM AS CONDIÇÕES ADEQUADAS PARA UMA SITUAÇÃO DE LEITURA COM OS BEBÊS?**

“A primeira condição importante é conhecermos a criança com a qual trabalhamos, que no caso desta faixa etária, precisa dos gestos, do movimento para expressar e responder àquilo que lhe é oferecido. Sendo assim, engatinhar ou andar pelos espaços no decorrer das leituras não significa necessariamente que não está interagindo com a situação, muito pelo contrário, às vezes, dependendo da parte da história, da entonação de voz ou mesmo da imagem atenta-se e fica imóvel onde está para compartilhar a leitura. Ilusório achar que apenas o olhar fixo garante o envolvimento com aquilo que está sendo apresentado, afinal, quem de nós adultos que temos condições de ficar parados, sentados por mais tempo, algumas vezes em situações de leitura já esteve bem distante do universo apresentado na leitura? (CORTEZ, Clélia. **O bebê, seu movimento e a construção do gosto pelas palavras**. [www.formaremrede.org.br](http://www.formaremrede.org.br))”

### **UMA DICA**

Manusear e cuidar dos livros são construções resultantes de uma prática significativa que envolve o “ensinar e aprender”, portanto devem ser contemplados no planejamento de situações didáticas de leitura e reconto. Que tal inserir como regra no planejamento de uma sequência didática de leitura, os combinados para a exploração dos livros e, quando preciso, convidar a criança a restaurar o livro “rasgado” junto com você?

## VALE A PENA PENSAR ...

O que é interessante dessa atividade, de leitura para os bebês, é que as crianças que tem um professor que lê sempre para elas, acabam desenvolvendo uma relação diferente com o objeto livro, ele passa a se diferenciar dos demais objetos que a criança usa como brinquedo. É por isso que é importante oferecer livros de verdade e não de plástico ou tecido. Isso seria interessante discutir no texto.

# HISTÓRIAS QUE CONVERSAM COM A GENTE A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS PESSOAIS PARA A LEITURA<sup>11</sup>

“A Ciência é grosseira, a vida é sutil e é para encurtar essa distância que a Literatura nos importa”. Roland Barthes

**Você sabia que...** recontar uma história pode ajudar a construir um sentido pessoal para a leitura, uma visão estética e ética da realidade?

Um bom texto literário nos oferece palavras penetrantes, em que encerram sonoridade e ocupam espaço e volume, ampliando nosso repertório de imagens.

Foi isso que a professora Débora Rodrigues Capuano, da EMEI Flávio Império, fez com seus alunos, depois que uma chuva de granizo causou um estrago enorme na horta do seu grupo-classe.

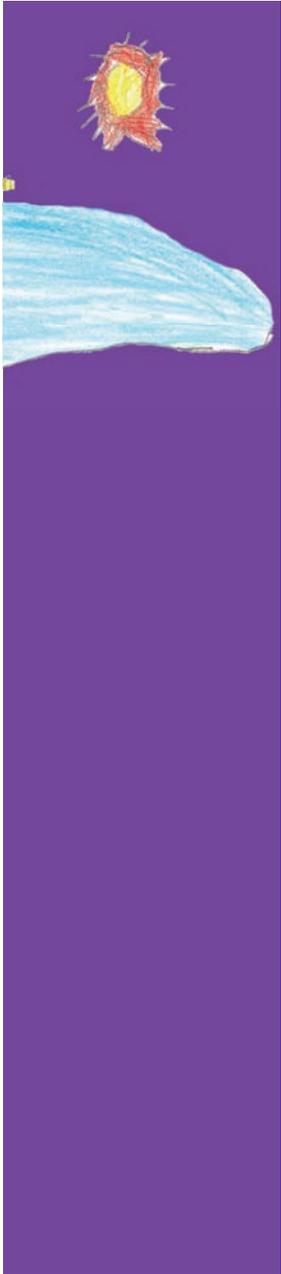
As crianças chegaram à escola e encontraram a horta destruída por pedras de granizo, um fenômeno que aconteceu na região norte de São Paulo, bem no início da primavera, em 21 de setembro de 2010. Após um período de intenso trabalho das crianças, desde a preparação do solo até a plantação das sementes, viver essa experiência dramática não foi fácil para um grupo de 3º estágio. A frustração foi muito grande, pois não teve jeito: tudo foi aniquilado por uma estranha força da natureza.

## QUANDO AS CRIANÇAS QUEREM CONVERSAR SOBRE A VIDA

A profa. Débora, desde esse episódio, vinha observando em seus alunos um sentimento de tristeza. Foi quando ela resolveu escolher a história *O Pote Vazio*, de Demi, da Martins Fontes Editora, para ler aos seus alunos e



<sup>11</sup> Malu Borgui e Sandra Papesky Sabbag. Texto produzido a partir da experiência da turma da Profa Débora Rodrigues Capuano, da EMEI Flávio Império.



Ihes propor o reconto dela. É a história do menino Ping, que vivia na China e adorava flores. Tudo o que ele plantava florescia. O Imperador daquele reino também adorava flores. Quando chegou o momento de escolher um herdeiro, ele chamou todas as crianças do reino e deu a elas uma semente de flor para cada uma delas plantar. E lhes disse: “Quem provar que fez o melhor possível, dentro de um ano será meu sucessor”. Ping plantou sua semente e cuidou dela com muito carinho, mas nada nasceu. Quando chegou o momento de apresentar-se ao Imperador, seu constrangimento em levar seu pote vazio transformou-se numa grande surpresa para Ping.

A leitura dessa obra pela profa. Débora teve uma surpreendente recepção por parte das crianças. É um conto encantador, que trouxe a elas uma reflexão sobre valores tais como: honestidade e cuidado com o meio ambiente. Porém, mais ainda, despertou um sentimento de empatia do grupo com Ping, o personagem central da história.

Sabemos que a escolha da obra literária e posteriormente o envolvimento do leitor com a história acontece quando ocorre uma identificação subjetiva com a trama e/ou personagem. Com a aceitação espontânea das crianças, a profa Débora planejou um trabalho sistemático de reconto oral da obra e uma sequência de atividades, para amplificar os temas propostos pelo livro. Assim, utilizando o livro como apoio, eles recontaram a história de Ping várias vezes.

*“ Durante o ano letivo de 2010, minha turma de 3º estágio estudou o tema Meio Ambiente, cujo tema principal foi a plantação, inserido no projeto (PEA) da escola.*

*A primeira proposta foi construir juntos com os alunos uma horta e conhecer todo o processo de plantação, germinação e dicas para uma horta produtiva. Como produto final destes estudos plantamos: feijão de vagem, feijão, tomate, alface, cebolinha, camomila e erva doce.*



DRE CL CEI J. São Luiz II Profª Lillian

*O envolvimento das crianças no cuidado da horta foi intenso. Foi uma alegria quando as sementes começaram a germinar. Porém, no dia seguinte, as crianças foram surpreendidas com a morte de todas as plantações, atingidas pelo granizo.*

*Mesmo triste com a situação, os alunos manifestaram o desejo de plantar de novo. Foi nesse momento que lembrei-me da história do “O pote vazio”. Planejei um reconto da história e uma sequência de atividades.*

Após todo o trabalho com a leitura e o reconto oral, que se estendeu por vários dias, propus plantarmos semente de girassol, eles adoraram a idéia e ficaram muito felizes.

Identificados totalmente com o personagem principal da história, perguntaram: “Professora as sementes estão queimadas? Elas irão nascer?”. Lembrei-os de que uma das qualidades de Ping, foi a dedicação”.

Foi assim que o grupo de 3º estágio reelaborou a vida a partir da história partilhada de uma experiência difícil, usando para isso uma narrativa de fantasia que pode ser contada e recontada muitas vezes, recebendo, inclusive, um final feliz.

Com isso, as crianças aprenderam a narrar histórias lidas, histórias vividas, utilizando os recursos expressivos encontrados nos textos que leram.

Esta experiência nos conta como a literatura pode fazer a sutura entre imaginário e realidade. Como nós podemos transformar nossa prática pedagógica em espaços para ressignificar a nossa identidade e dar sentido aos caminhos que percorremos com os nossos alunos. Caminhos estes que são compostos por entraves e surpresas. Ler apenas para formar futuros leitores é muito pouco diante do que a obra literária nos oferece enquanto arte e encantamento. Enovelar as crianças em experiências significativas e ajudá-las a arrumarem os sentimentos e a cognição para melhor viverem é também o nosso papel enquanto educadores.

## **QUANDO AS CRIANÇAS QUEREM CONVERSAR SOBRE A DOENÇA E A MORTE**

Em outra ocasião, em outra escola de nossa rede, um grupo de crianças também encontraram na literatura um lugar para pensar sobre as perdas. Uma professora contou que depois de ler para as crianças, uma delas não aceitou que determinado personagem tivesse morrido. Apesar da professora ter feito a intervenção, afirmando que naquela história o personagem morreu mesmo, pois estava escrito no livro, aproveitei para explorar como este assunto tem aparecido e sido tratado no cotidiano da Educação Infantil. Algumas professoras disseram tentar chamar a atenção do grupo para outro assunto diferente de morte, ou dizem algo de acordo com suas crenças, do tipo “Foi morar com Deus ou Papai-do-Céu”. Chegamos juntas à conclusão de que estas posturas revelam como temos dificuldade de lidar com perdas, com mudança de vínculos, com assuntos que mexem com nossas estruturas mais íntimas e com nossos medos mais guardados, como é o caso de doença e morte.

Foi por isso que, no encontro seguinte com este grupo de pro-



fessoras, trouxe o livro *Fico à espera...* (CALI e BLOCH, 2007) e o li para elas. Observei que a leitura foi significativa para o grupo, pois expressaram alguma emoção, expressões faciais ou gestos de sim e não com a cabeça que demonstraram que a história havia causado algum impacto. *Fico à espera...* pode ser lido para todo tipo de público, infanto-juvenil e adulto, pois permite algum tipo de identificação para todos já que se trata do desenrolar do fio da vida humana; os processos de nascer, crescer, constituir família, adoecer, morrer, sentir solidão, tristeza, alegria, amor e saudade são abordados de modo simples e profundo, com muita sensibilidade.

Comentei o quanto precisamos ensinar a prática de cuidados tanto em relação a si mesmos como em relação aos outros, e que não precisamos esperar grandes dificuldades e/ou catástrofes para nos dispor a ajudar, a cuidarmos uns dos outros.

Cuidar é ser gentil, ter iniciativa, ajudar espontaneamente, dispor-se a estar junto, a escutar mesmo quando discordar, dar atenção, oferecer um pouco de tempo. Outro dia li que dar tempo é dar amor, acho que é isso mesmo...cuidar sempre é dispor-se a estar junto na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, no enfrentamento da vida e na aceitação da morte. Carecemos sempre de cuidados; é fundamental nos educarmos nisso e para isso para que não sejamos vítimas da morte por falta de afeto. E lembrei-me da frase de uma enfermeira, assistente social, médica e educadora do século XX, Cicely Saunders que disse: *“Só há sofrimento humano intolerável quando não há quem cuide...”*

### QUESTÕES PARA PENSAR

1. Que critérios eu utilizo quando escolho uma história para ser lida aos meus alunos?
2. O que fazer quando meus alunos não se interessam pela leitura?
3. Que livros conversaram profundamente comigo? Por quê?

### LIVROS QUE CONVERSAM COM A GENTE

Para fazer pensar, sonhar e rever a vida, indico:

CALI, Davide, BLOCH, Serge. *Fico à espera...* São Paulo: Cosac Naify, 2007.

MILLER, Karen. *Educação Infantil: como lidar com situações difíceis.* Porto Alegre: Artmed, 2008.

MONTERO, Rosa. *A louca da casa.* São Paulo: Ediouro, 2009.

PENNAC, Daniel. *Como um romance.* São Paulo: Rocco, 2001.

# BLOCO DE ANOTAÇÕES



Nesse fascículo, vimos como a leitura feita pelo professor e o reconto feito pelas crianças são atividades complementares e como podem estar presentes na rotina da educação infantil, seja como atividade permanente, no caso da leitura pelo professor, seja como seqüência didática de reconto. Aproveite essas idéias para refletir sobre seu próprio trabalho. Para iniciar essa jornada investigativa, sugerimos a seguir alguns pontos. Reflita sobre eles com seus colegas de CEI ou de EMEI.

1. Você lê diariamente para as crianças?
2. As crianças têm acesso aos livros para manuseá-los ou eles ficam guardados no armário da escola?
3. Em seu acervo há opções de vários tipos de textos, com e sem ilustrações?
4. Na hora da leitura, você compartilha com o grupo os motivos de sua escolha e apresenta brevemente a história, fazendo comentários sobre o texto e as ilustrações? Isso é importante porque oferece informações adicionais sobre o tema ou o autor, despertando o interesse das crianças em ouvi-la.
5. Você se preocupa com a qualidade literária dos livros e escolhe bons livros para a hora da roda? Prepara a leitura com antecedência, para evitar gagueiras e improvisações, preservando, assim, a apresentação do texto às crianças?
6. Você distingue os momentos de ler e os de contar histórias ou apenas conta as histórias? Ler é fundamental, pois é a única possibilidade que uma criança pequena pode ter para acessar essa linguagem tão diferente, que está presente nas páginas do livro, mas não estão presentes nas conversas ou em outros gêneros da oralidade.
7. Você seleciona criteriosamente os textos que serão contados às crianças, os que serão lidos e os que serão oferecidos para o reconto?
8. Você planeja sistematicamente as atividades de reconto pelas crianças a partir de bons livros, que guardam características da linguagem escrita e que trazem apoios para a criança recontar de memória, utilizando elementos dessa linguagem?

**Existem muitas ações que valorizam as práticas de leitura. Quais dessas práticas você já desenvolve em sua turma? Veja a seguir:**

- organizar um mural para a troca de leitura entre as classes;
- promover indicações literárias de criança para criança, de turma para turma;
- organizar mostras de livros de um mesmo autor para divulgar as preferências de um grupo;
- confeccionar coletâneas das histórias favoritas, para que todos tenham acesso ao texto e possam levar para a sala;
- organizar painéis informativos sobre o movimento e as novidades da biblioteca da escola;
- incentivar troca de livros e revistas.
- Orientações Curriculares
- Expectativa de Aprendizagens e Orientações Didática

(Orientações Curriculares: Expectativas de aprendizagens e orientações didáticas p. 88)

### **RECONTO DE CRIANÇA**

A proposta de reconto feito pela criança assegura a ela a oportunidade de apropriar-se da linguagem escrita. Mas, como saber o que elas de fato aprenderam? Escutando o reconto que elas realizam. Então, na próxima roda, quando as crianças estiverem recontando aos amigos uma história que foi lida para ela, registre essa produção! Escreva o reconto da criança, preservando todas as marcas da linguagem. Peça aos colegas de CEI ou de EMEI que façam o mesmo. Depois, leve esse registro para compartilhar com os demais colegas em sua reunião pedagógica. Uma boa análise dessas produções poderão trazer informações relevantes para apoiar a escolha dos próximos livros que serão apresentados uma seqüência didática de reconto.

### **PARA O PROFESSOR ESCREVER**

---



---



---



---



---





A large rectangular area with a double-line border, containing 25 horizontal lines for writing.

# PARA REFLETIR SOBRE O PLANEJAMENTO

## REFLEXÃO ESCRITA E INTERVENÇÃO DOCENTE<sup>12</sup>

O planejamento é um procedimento da atividade docente que confere maior segurança para o professor atuar em seu contexto educacional e nele realizar modificações conforme a interação sem perder os objetivos de vista. Por isso deve nortear toda ação educativa, seja esta uma atividade permanente, uma sequência didática, uma atividade pontual ou um projeto de trabalho. É o que podemos conferir em relação ao que ocorreu ao longo dos encontros de Leituras e Recontos, relatado no texto abaixo.

O planejamento ajuda o professor a antecipar sua ação, a pensar os objetivos e a maneira mais viável de atingi-los. Por outro lado, ter um planejamento ajuda o professor a realizar mudanças necessárias durante a ação educacional: o plano assegura ao professor tomar decisões enquanto age, sem perder de vista os objetivos da atuação docente.

Ao avaliar a primeira atividade com as crianças – diagnóstico de repertório de histórias conhecidas pelas crianças - as novas propostas que surgiram na troca de experiências entre as professoras foram: propor leitura de imagens e de jornal (variação de portadores de texto), fazer um teatro de sombras, dramatizar o conto com o corpo ou com fantoches/dedoches, apresentar um tapete com livros e criar aventais de histórias, dar continuidade ao projeto “sacolinha literária” (a criança leva a sacolinha com livro para ser lido em casa, por familiares à criança; o familiar-leitor deve fazer um relato escrito de como foi esse momento).

As sugestões das professoras exemplificaram uma atividade permanente – o tapete com livros -, uma sequência didática – leitura de imagens e de jornal - e um projeto de trabalho – o da “sacolinha literária”. Pontuei isso com as professoras, destacando a necessidade e a importância do planejamento em todas as modalidades de ação didática.

Tenho aproveitado para solicitar às professoras que escrevam suas reflexões, escrevam a sistematização que fazemos, escrevam durante os encontros de formação continuada. A intenção é ajudá-las a aprimorar o seu comportamento escritor, a preocupar-se com o leitor, a ter o cuidado de comunicar seu pensamento a aprofundar a sua reflexão. Assim, as questões das pautas que geralmente orientam a troca de experiências em subgrupos serviram de roteiro para dialogarem sobre suas experiências e escreverem o que refletiam a respeito disso.

Durante o momento de troca de experiências e planejamento da próxima atividade, sempre ficava à escuta, observando o diálogo entre as professoras. Planejar a metodologia permitiu que percebêssemos que uma pro-

PARA FAZER MAIS

<sup>12</sup> Sandra Papesky Sabbag, formadora do Rede em rede. Texto produzido a partir de suas reflexões nos diferentes grupos que participaram das atividades do Percursos de Aprendizagem – leitura e reconto na educação infantil.

posta por mais interessante que seja pode não ser adequada ao objetivo pretendido. Como exemplo, vimos que dramatização do conto é interessante, mas não para o reconto com foco na leitura e comportamento leitor, o que requer necessariamente a presença do objeto livro de referência da história e a ênfase nas linguagens oral e escrita. A dramatização pode ser uma atividade posterior, que tem por objetivo interpretar a história, explorando outras linguagens como o jogo teatral e a expressão gestual.

Falamos também sobre a importância da avaliação na Educação Infantil. O principal instrumento de avaliação nesta etapa de ensino é a observação acompanhada de registro do professor. Quis lembrá-las de que o registro não pode restringir-se a fotos e a filmagens, mas inclui de modo fundamental a escrita reflexiva do professor sobre os comportamentos observados e ações realizadas. É quando o professor escreve que pode pensar melhor sobre a atividade feita, sobre as manifestações individuais de cada criança ou de um grupo. Pode pensar a partir do que fotografou ou filmou, mas encontrar palavras para explicar o acontecido exige pensar melhor, aprofundar a reflexão e estabelecer diretrizes para ações futuras.

Outra coisa que eu e as professoras sistematizamos juntas é que o reconto autônomo implica que o professor interfira cada vez menos diretamente enquanto as crianças recontam. Sua intervenção, no entanto, é mais indireta, quando organiza o ambiente e disponibiliza materiais que possam facilitar essa forma de reconto pela criança. Há maior ou menor necessidade de intervenção direta do professor tendo em vista também a faixa etária e as características de cada grupo de crianças.

Uma das professoras, ao referir-se à ação de planejar, disse uma frase que marcou muito a mim, porque também compartilho disto: "É preciso inventar coisas diferentes, não fazer sempre a mesma coisa até para ter uma motivação para si mesma." Realmente, precisamos conhecer referências de ensino já instituídas, para podermos criar outras referências. Criar, imaginar requer conhecer o tradicional, o convencional, referências de boas práticas. A intenção não é reproduzir um modelo, mas conhecer modelos possíveis para poder criar o nosso e torná-lo também uma referência para futuros professores. E, para isso, escrever torna-se fundamental...



DRE IP EMEI D Pedro Prof<sup>ª</sup> Denise

# LEITURA PELO PROFESSOR E RE- CONTO PELAS CRIANÇAS

## ORIENTAÇÕES PARA O PLANEJAMENTO DO PROFESSOR<sup>13</sup>

Vimos nesse fascículo que a roda de leitura pelo professor e o reconto feito pelas próprias crianças são situações didáticas distintas, que contribuem para diferentes aprendizagens das crianças. Ao planejar, é importante observar algumas orientações didáticas veja a seguir

### 1. Antes de ler:

- Escolher um texto de boa qualidade literária, que ofereça um bom enredo que subsidie as crianças para as atividades de ouvir histórias lidas e que possa apoiar a atividade posterior de reconto;
- Antecipar como acontecerá o trabalho de leitura e reconto, planejando como fazê-lo, inclusive antecipando boas perguntas que podem ser feitas para que a turma pense acerca da história ouvida e das formas de recontá-la, apoiadas nas regras da narrativa da linguagem escrita (e não da oral);
- Comunicar e combinar com a turma as fases do trabalho de leitura e de reconto que acontecerá posteriormente, antecipando o que será realizado e chamando as crianças a participação;

### 2. Durante a leitura:

- Ler o texto na íntegra, sem interromper a leitura para mostrar as imagens: ela pode combinar com as crianças e mostrar as imagens antes ou depois de ler a história;
- É necessário que esta atividade de leitura envolva as crianças no enredo da história, na forma que a professora utiliza a língua para ler e dar significado a narrativa escolhida para o trabalho (de leitura e reconto);

### 3. Depois de ler:

- Conversar com as crianças sobre a história ouvida: que parte da história mais gostaram, como podem reconhecer esta parte da história no livro, o que faz com que esta parte seja interessante, dentre outras perguntas;
- É importante que a professora seja orientada de que nem todas as crianças precisam falar nesta roda. As falas podem ser socializadas e problematizadas coletivamente;



<sup>13</sup> Márcia Aparecida Colber de Lima, supervisora escolar da DRE São Miguel.

- Esta conversa não deve se transformar numa checagem dos conteúdos da história como: enumerar nomes dos personagens, encadear corretamente os fatos, mas se constituir num momento prazeroso de troca de impressões sobre uma história ouvida através da leitura da professora.

Quanto à atividade de reconto, é interessante notar o papel que ela cumpre na apropriação da linguagem pela própria criança. A criança conta a história, mas, ao fazer isso, procurando recuperar o texto tal como aparece no livro, ela utiliza a linguagem escrita. Por esse motivo, a proposta de reconto tem valor em si e não necessita ser sempre seguida por um registro escrito<sup>14</sup>. Veja a seguir algumas orientações para o planejamento do reconto pela criança.

### **1. Antes do reconto:**

- Realizar leituras de histórias para as crianças de acordo com as orientações do texto acima e de preferência muitas vezes;
- Antecipar perguntas que podem ser feitas às crianças que apóiem o reconto da história lida pela professora;
- Pensar em outros apoios ao reconto: o uso das imagens e textos do próprio livro pelas crianças, a participação de uma ou várias crianças no reconto, a chamada de atenção das crianças para os marcadores da linguagem escrita presentes no texto, dentre outros.

### **2. Durante o reconto:**

- Retomar o texto com as crianças (pode ser na sequência da roda após a leitura);
- Incentivar as crianças a retomarem oralmente o texto lido (pela memória);
- Verificar se uma ou mais crianças farão o percurso do reconto e, sem interromper a narrativa de cada criança, provocá-las a completarem suas idéias;
- Esta atividade não pode estender-se por muito tempo e pode ser repetida se a professora tiver a intenção de reescrever a história a partir da narrativa das crianças, atividade que mobiliza outros conhecimentos acerca da linguagem escrita;
- Para tematizar esta prática e poder entendê-la melhor, pode-se filmá-la ou gravá-la;

### **3. Depois do reconto:**



<sup>14</sup>O ditado da história feito pela criança é importante porque promove outras aprendizagens, mas não substitui o reconto.

- Não há necessidade de escrever a história narrada pelas crianças, a não ser que a finalidade do reconto seja reescrever a história (com a professora como escriba);
- Repensar o papel da ilustração de trechos da história como apoio a atividade de reconto: como desenhar a história ajuda a criança a pensarem nos conteúdos da linguagem escrita?
- Rever ou ouvir com as crianças as gravações realizadas e compará-las com nova leitura do texto.

### ***A ORGANIZAÇÃO DO TEMPO DE LER E RECONTAR***

Um dos principais objetivos da roda de histórias é construir familiaridade das crianças com os livros e a leitura. Por isso, a leitura em voz alta que é feita pelo professor na roda de história, é uma atividade permanente na rotina da educação infantil. A indicação dos livros favoritos também pode ocupar esse espaço, com periodicidade semanal, por exemplo, marcando o dia de emprestar e devolver os livros da biblioteca de sala. A organização de um painel coletivo é uma dica interessante para promover a troca de todas as crianças que participam da comunidade leitora daquela U.E. Já o reconto, pode ser proposto como parte de uma seqüência didática em que todas as crianças da turma possam se envolver com as histórias e se posicionar de diferentes maneiras, ora como ouvinte, ora como leitor. Pode, ainda, ser um projeto maior, envolvendo a produção de um encontro de leitores em diversas rodas o que vai exigir das crianças a resolução de diversos problemas: a eleição dos livros favoritos da comunidade; a leitura e o estudo dos livros que serão recontados; a programação de convites, da programação e dos cartazes do evento etc. Todas essas atividades envolvem as crianças nas diferentes práticas da nossa língua.

### ***ENVIE SEU REGISTRO PARA A REDE***

Você, professor, pode participar de nossas publicações de diversas maneiras: pode participar da formação de professores, desenvolver as propostas de trabalho pessoal desencadeadas nos encontros de formação e, com isso, trazer matéria prima para os artigos. Pode desenvolver um trabalho com as linguagens, seguindo as orientações dos formadores e das OCs, produzir um artigo nos moldes divulgados nessa edição e encaminhar para a DOT: se o seu artigo for aprovado por nossa comissão editorial, você poderá receber apoio para tantas reescritas forem necessárias, até a finalização de um texto de sua autoria para compartilhar na rede. Pode, ainda, escrever uma carta para os formadores



especialistas das diferentes linguagens: se o conteúdo for abrangente e representativo das dúvidas de muitos professores, você pode obter uma resposta pública nos próximos fascículos.

## A QUALIDADE DO MATERIAL GRÁFICO APRESENTADO ÀS CRIANÇAS

É preciso cuidar do material que se vai expor ao grupo: o texto que é apresentado às crianças faz diferença na qualidade da leitura que elas poderão realizar. Como elas poderão antecipar significados a partir de imagens infantilizadas e empobrecidas que não ampliam o que vão aprender e, muitas vezes, reforçam enganos e idéias preconceituosas ou estereotipadas? É importante escolher textos que possibilitem às crianças uma primeira leitura, antecipando-se ao professor. O professor pode decidir como usar os materiais que ele possui na escola. É possível, por exemplo:

- levantar os vários livros que tratam da mesma história;
- ler versões diferentes do mesmo conto justamente para notar a diferença de linguagem, para apreciar o texto bem escrito;
- fazer rodadas de leitura crítica, recomendando ou não os livros que a turma mais gosta para o restante da sala ou para outras crianças da escola.

Desse modo, ele vai ampliando suas expectativas de formação dos leitores de sua turma, criando contextos cada vez menos artificiais para essa instigante tarefa.

(Orientações Curriculares: expectativas de aprendizagens e orientações didáticas p. 89)



# BLOCO DE ANOTAÇÕES



## **SABER MAIS SOBRE SI MESMO**

### **MEMÓRIAS SOBRE COMPORTAMENTO LEITOR DE PROFESSORES<sup>15</sup>**

Para que o professor possa colaborar efetivamente com o desenvolvimento do comportamento leitor das crianças é muito importante que esse professor lembre-se de como iniciou seu próprio comportamento leitor? É o que podemos conferir em relação ao que ocorreu no 1º. encontro de Leituras e Recontos no texto abaixo.

Acredito que mudanças no comportamento de professores (e de todo ser humano) somente acontecem quando respeitadas sua história de vida, quando oferecemos espaço para que aspectos afetivos venham à tona e predisponham a pessoa a acolher novos domínios do campo conceitual capazes de serem relacionados a esses aspectos afetivos. Disso resulta o que podemos chamar de aprendizagem significativa, indo ao encontro com o autor Ausubel (apud SOLÉ, in COLL, 1998: 34): disposição para ir a fundo no tratamento da informação que se pretende aprender, para estabelecer relações entre ela e o que já sabe, para esclarecer e detalhar os conceitos.

Por isso, resgatar as memórias das professoras sobre seus primeiros contatos com livros e leitura foi fundamental e emocionante para elas e para mim.

Muitas professoras tiveram os primeiros contatos com livros na escola; outras, tinham livros em casa, ainda que fossem de receitas alemãs ou de músicas do Roberto Carlos...em outros casos, as brincadeiras de rua e a natureza ocuparam o lugar dos livros na primeira infância.

A cartilha Caminho Suave e os disquinhos de histórias narradas foram bem lembrados. Caminho Suave participou da história de muitas de nós, inclusive da minha: no pré e na 1ª. série. Houve risos quando ouvimos de uma de nossas colegas que saber que O gato mia era pouco quando ela queria saber qual era o nome do gato, se era igual ao que tinha em casa...e a sua professora insistia só em O gato mia e O bebê baba.

Além dos livros, lembraram-se de seus primeiros contadores de histórias, alfabetizados ou não, que sabiam narrar como ninguém! As histórias? Eram histórias de vida, histórias do folclore regional, às vezes apareciam gibis, histórias em quadrinhos...foram lembrados com sauda-

---

<sup>15</sup> Sandra Papesky Sabbag, formadora do Rede em Rede. Texto produzido a partir de suas reflexões nos diferentes grupos que participaram das atividades do Percursos de Aprendizagem – leitura e reconto na educação infantil.

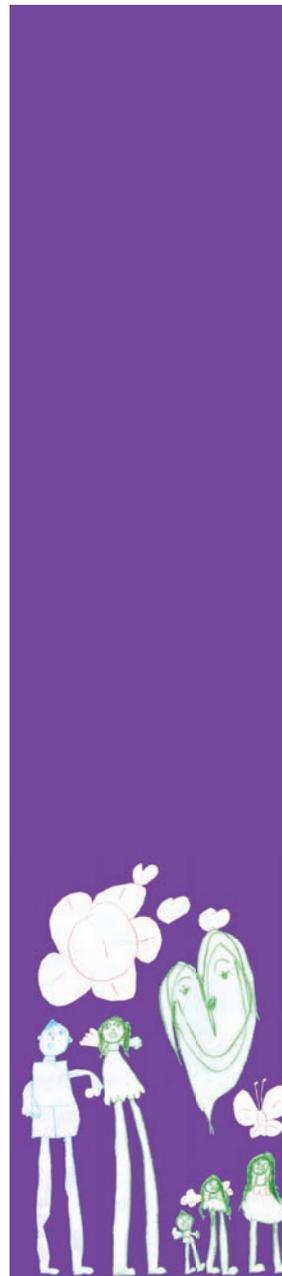
des avós, mães, pais, primos, irmãos mais velhos, o padrinho Tião, entre outros que talvez hoje não estejam mais aqui no Planeta Terra, mas sempre constituirão presença marcante na história de nossas vidas.

Cinderela, Chapeuzinho Vermelho, O coelhinho detetive, A cigarra e a formiga, Dona Ratinha, Coleções de histórias clássicas e de Walt Disney, Monteiro Lobato, Pipi das meias compridas, O caso da Borboleta Atíria, O inferno de Dante foram alguns títulos, autores e histórias lembradas pelas professoras, guardados em seu acervo afetivo. Normalmente, ao se referirem a essas lembranças também sinalizavam outros detalhes: a capa dura, as ilustrações, a sala onde tinha o piano e a estante com muitos livros na casa grande perto da Avenida 23 de maio.

Tinha avô contador de causos que não tinha livro em casa e avô que lia livro que a neta escolhia da estante – livro de Animais era a predileção da neta! E o avô lia nome do animal, habitat, hábitos alimentares... De um jeito ou de outro, esses avôs colaboraram para que as netas, hoje crescidas e professoras, desenvolvessem o gosto pela leitura.

Algumas pessoas se lembraram do nome da primeira professora que apresentou-lhes o objeto de leitura, como foi o caso da professora Carmelita, lembrada pelas fichas de leitura. Outras professoras, apesar de não se lembrarem dos nomes, lembraram-se do jeito carinhoso como o livro lhes foi apresentado na escola, como foi o caso lembrado da professora de traços orientais que presenteava seus alunos com livros! Houve também o relato da professora que queria ir para escola como a irmã mais velha, mas não podia, e isso fazia-lhe chorar muito, o que levou sua mãe a fazer do jornal seu primeiro livro, como ela nos dissera muito emocionada.

Algumas professoras manifestaram desde muito cedo seu amor pela leitura, outras descobriram-no mais tarde e até quando começaram a ler para as crianças na Educação Infantil. Independente de quando a história de amor com os livros e com a leitura começou, o fato é que amar faz bem. Amar faz a gente melhor conosco mesmos e com os outros. E amar nos sensibiliza para descobertas, para tomarmos consciência, por exemplo, do quanto estamos também fazendo parte da constituição da identidade de nossas crianças, que daqui a algum tempo também poderão escrever, ler ou contar a outras pessoas suas memórias sobre os primeiros contatos com livro e leitura e lá estaremos nós, nas suas histórias, tão presentes, tão repletas de amor pelos livros, pela leitura, pela Vida e pela Educação.



### **PARA REFLETIR**

E você, tem memória de seu percurso leitor? Quem te ensinou a ler? E quem te ensinou a gostar de ler? Que textos mais aprecia? E os que mais te assustam? Recupere sua história e reflita sobre como sua trajetória leitora influencia no seu modo de ler, hoje. Aproveite para trocar idéias com os colegas, quem sabe você não descobre que ainda é tempo de conhecer mais?

Boa leitura!

### **PARA SABER MAIS**

SABBAG, Sandra Papesky. O potencial do registro escrito significativo na constituição da identidade docente. Pereira Barreto, SP: Academia Editorial, 2005.

SOLÉ, Isabel. Disponibilidade para a aprendizagem e sentido da aprendizagem. In: COLL, César et.al. O construtivismo na sala de aula. SP: Ática, 1998: 29-55.



# BLOCO DE ANOTAÇÕES



Leitura para todos! Nossa equipe de formadores especialistas dá as sugestões para a leitura. Veja a seguir:

### **LIVROS PARA O PROFESSOR ESTUDAR**

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura Infantil: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1989.

BASSEDAS, Eulália; SOLE, Isabel et al. Aprender a ensinar na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 1999.

BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fadas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CACCESE, N. P; FURNARI, Eva. Um tigre, dois tigres, três tigres. São Paulo: Ed. Paulinas, 1988.

COELHO, Betty. Contar histórias, uma arte sem idade. São Paulo: Ática, 1989.

COELHO, Nelly N. Contos de fadas. São Paulo: Ática, 1987.

COLEMAR, Teresa. Andar entre livros. São Paulo: Global, 2007.

FOUCAMBERT, Jean. A leitura em questão. Porto Alegre: Artmed, 1994.

JOLIBERT, Josette. Formando crianças leitoras. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

KAUFMAN, Ana Maria e Maria Helena Rodríguez. Escola, leitura e produção de textos. Porto Alegre: Artmed, 1995.

LERNER, Délia. Ler e escrever na escola – o real, o possível e o necessário. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SOLE, Isabel. Estratégias de leitura. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ONRUBIA, Javier. Ensinar: criar zonas de desenvolvimento proximal e nelas intervir. In: COLL, et.al. O Construtivismo na sala de aula. SP: Ática, 1998.

## **PARA O PROFESSOR LER PARA CRIANÇAS DE 0 A 3 ANOS**

Cinderela - autora Marion Billet - Companhia das Letrinhas

O patinho feio - autor Dan Kerleroux - Companhia das Letrinhas

O lobo e os sete cabritinhos - autora Nathalie Choux - Companhia das Letrinhas

João e Maria - autor Hervé Le Goff - Companhia das Letrinhas

Minhas fábulas de Esopo - autora Michele Moripurgo - Companhia das Letrinhas

Rima pra cá, rima pra lá: Histórias, rimas, canções e cia - vários autores - Companhia das Letrinhas

Onde os monstros vivem? - autor Maurice Sendak – Cosac Naif

João e Maria Irmãos Grimm – tradução de Mônica R da Cota e Jamil Maluf - Cosac Naif

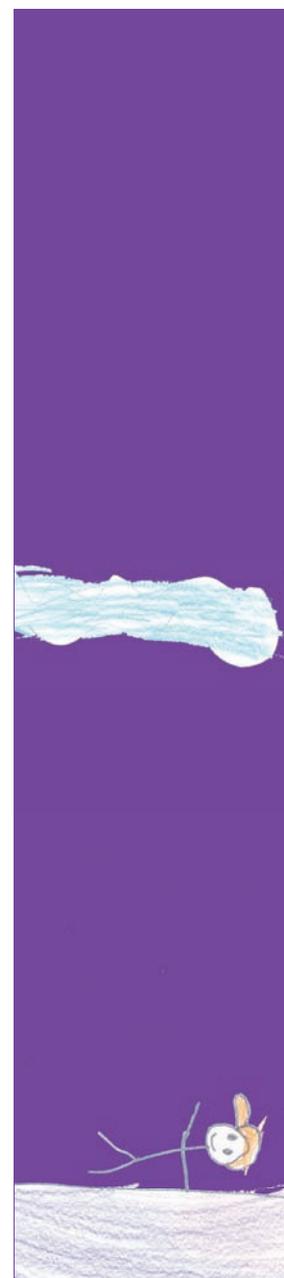
Monstro, não me coma! - autor Carl Norac - Cosac Naif

Enquanto seu lobo não vem - autor Edmir Perrotti - Ed. Paulinas

Ciranda, cirandinha - autor Edmir Perrotti - Ed. Paulinas

Atirei o pau no gato - autor Edmir Perrotti - Ed. Paulinas

O bordado encantado - autor Edmir Perrotti - Ed. Paulinas



## **PARA O PROFESSOR LER PARA CRIANÇAS DE 4 A 6 ANOS**

Nove novos contos de fadas e de princesas - autor Didier Lévy - Companhia das Letrinhas

Meu primeiro livro de contos de fadas - autora Mary Hoffmanb – Companhia das Letrinhas

Bruxa, bruxa venha à minha festa -autora Arden Druce – Brinque-Book

Até as princesas soltam pum - Illan Brenman – Brinque-Book

Chapeuzinho vermelho Charles Perrault – Companhia das Letrinhas

Chapeuzinho vermelho e outros contos por imagem - ilustrado por Rui de Oliveira - Companhia das Letrinhas

O chapeuzinho vermelho Irmãos Grimm – tradução de Samuel Titan Jr - Cosac Naif

Os três lobinhos e o porco mau - autor Eugene Trwzas – Brinque-Book

Tartaruga vai a guerra - de Richard Walker - Companhia das Letrinhas

O livro dos gigantes e dos pequeninhos - autora Diane Goode – Companhia das Letrinhas

Histórias do Cisne Hans Christian Andersen - tradução de Hildegard Feist - Companhia das Letrinhas

Histórias do cisne Hans Christian Andersen – Companhia das Letrinhas

Fábulas Lev Tolstoi – Companhia das letrinhas

Histórias, Quadrinhos e canções com bichos - tradução Heloisa Jahn - Companhia das Letrinhas

História para ler na cama - de Debi Glioti - Tradução Heloisa Jahn - Companhia das Letrinhas

Meus porquinhos - de Wood Audrey - Editora Ática



# HISTORIADEIRAS<sup>16</sup>...

Rose Carreira

Bordadeiras de sonhos,  
Meninas e emoções,  
Espimo-nos em versos,  
Descarregamos ilusões.

No sexo, a força,  
Na vida, um novo amor,  
No pulso, a garra,  
No cabelo, uma antiga flor.

Múltiplas mulheres,  
Rendeiras de palavras  
Enredando uma canção.

Múltiplas deusas,  
Historiadeiras do sonhar  
Rompemos a métrica agora  
Pra história começar...  
Quem escreve, lê e dança...  
Nossa eterna aliança...  
De repente, vem brincar.

PALAVRA FINAL

---

<sup>16</sup> A minhas amigas das Narrativas Infantis.

# BLOCO DE ANOTAÇÕES



## DIVISÃO DE ORIENTAÇÃO TÉCNICA EDUCAÇÃO INFANTIL

### DIRETORA

**Yara Maria Mattioli**

### EQUIPE TÉCNICO PEDAGÓGICA

**Fernanda Silva Noronha**  
**Maria Heloisa Sayago França**  
**Marilda Aparecida Bellintani Jamelli**  
**Matilde Conceição Lescano Scandola**  
**Patrícia Maria Takada**

### EQUIPE TÉCNICO ADMINISTRATIVA

**Edna Ribeiro da Silva**  
**Sylvete Medeiros Correa**  
**Vitor Hélio Breviglieri**  
**Gilcenalba Viginio dos Santos (Estagiária)**

### DIRETORES REGIONAIS DE EDUCAÇÃO

**Eliane Seraphim Abrantes**  
**Elizabeth Oliveira Dias**  
**Hatsue Ito**  
**Isaias Pereira de Souza**  
**José Waldir Gregio**  
**Leila Barbosa Oliva**  
**Leila Portella Ferreira**  
**Maria Angela Gianetti**  
**Maria Antonieta Carneiro**

**Marcello Rinaldi**  
**Silvana Ribeiro de Faria**  
**Sueli Chaves Eguchi**  
**Waldecir Navarrete Pelissoni**

### ASSESSORES

**Zilma de Moraes Ramos de Oliveira**  
**Ieda Abbud**  
**Maria Paula Vignola Zurawski**  
**Silvana de Oliveira Augusto**

### FORMADORES DE PROFESSORES

**Alessandra Ancona de Faria**  
**Ana Benedita Guedes Brentano**  
**Ana Lucia Henriques Gomes**  
**Andrea Fraga da Silva**  
**Carlos Alberto Silva**  
**Cinthia Soares Manzano**

### Fernando Brandão

**Francisco Iglioni Gonsales**  
**Liliana Elisabete Oliven**  
**Liliana Maria Bertolini**  
**Linice da Silva Jorge**  
**Luciana Aparecida Gurgel Rodrigues**  
**Marcos Marcelo Soler**  
**Maria Aparecida Vedovelo Sarraf**  
**Maria Luiza Borghi**  
**Marina Marcondes Machado**  
**Rosangela Aparecida Ribeiro Carreira**  
**Sandra Maria Chalmers Sista**  
**Sandra Papesky Sabbag**  
**Sheila Christina Ortega**

### COORDENAÇÃO GERAL

**Yara Maria Mattioli**  
**Zilma de Moraes Ramos de Oliveira**

### ELABORAÇÃO DE PAUTAS

**Maria Paula Vignola Zurawski**  
**Matilde Conceição Lescano Scandola**  
**Patrícia Maria Takada**

### ORGANIZADORA DA PUBLICAÇÃO

**Silvana de Oliveira Augusto**

### FORMADORAS AUTORAS

**Maria Aparecida Vedovelo Sarraf**  
**Maria Luiza Borghi**  
**Rosangela Aparecida Ribeiro Carreira**  
**Sandra Papesky Sabbag**

### PRODUÇÃO GRÁFICA

Projeto Gráfico e capa: **Joseane Ferreira**  
Diagramação : **Ueslei Petená**  
Coordenação do Centro de Multimeios :  
**Magaly Ivanov**

### FOTOS

**Maria Aparecida Vedovelo Sarraf**  
DIAGRAMAÇÃO, CTP, IMPRESSÃO E  
ACABAMENTO

**Art Printer Gráficos e Editores Ltda.**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica.

Percursos de aprendizagens: leitura e reconto - A Rede em rede : a formação continuada na Educação Infantil / Secretaria Municipal de Educação – São Paulo : SME / DOT, 2010.

48p. : il.

Bibliografia

1. Educação Infantil I. Cadernos da Rede - Formação de Professores

CDD 372.21

Código da Memória Técnica: Sa.018/10

Cadernos da Rede



PREFEITURA DE  
**SÃO PAULO**  
EDUCAÇÃO